

PAULA OLIVEIRA E SILVA: AGOSTINISMO E TOMISMO EM DIÁLOGO!

por Paulo Faitanin –UFF.



Paula Oliveira e Silva

Paula Oliveira e Silva obteve o Doutorado em Filosofia Medieval pela Universidade de Lisboa, em 2004, com a tese *Ordem e Ser. Ontologia da Relação em Sto Agostinho* (CFUL, Lisboa 2007). Lecionou na mesma Universidade entre 1990-1994 e mais tarde no Instituto Superior de Educação e Ciência. É membro titular da SIEPM - Societé International pour l'Étude de la Philosophie Médiévale. Foi membro da Direção do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa para o triênio 2003-2006. Desde 2004 dedica-se integralmente à investigação. Entre as suas principais publicações destacam-se: *Sto Agostinho, Diálogo sobre a Ordem*. Introdução, tradução e notas (IN-CM, Lisboa, 2001). *João de S. Tomás: relendo Aristóteles na Segunda Escolástica*, in *História do Pensamento Filosófico em Portugal. Direção de Pedro CALAFATE. Vol. II, Parte IX. Lisboa, Caminho, 2001, pp. 589-630*. *João de S. Tomás*, in *Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Vol. 3, Verbo, Lisboa, 1991, 54-57.

ENTREVISTA:

1. A sua trajetória intelectual transita de João de S. Tomás, com um artigo publicado em 1991, para Sto. Agostinho, com a recente publicação da sua tese doutoral, em 2007. O que nos pode dizer deste itinerário?

Interessei-me desde cedo pela obra de S. Tomás de Aquino, em particular pelo modo como o Aquinate articula as questões da verdade. Quando me propus fazer o Mestrado, pensei estudar João de S. Tomás, por ser um autor pouco conhecido e dada a sua ascendência lusitana, mas a envergadura da obra não se compadecia com os prazos que tinha de cumprir. Realizei, então, um estudo monográfico sobre o *De libero arbitrio* de Sto. Agostinho e comecei a interessar-me pela filosofia do designado período patrístico. Hoje compreendo quanto esse percurso foi profícuo para uma reta compreensão da obra de Tomás de Aquino. Sto. Agostinho e S. Tomás têm em comum uma profunda consciência da historicidade do pensar. Um e outro foram figuras comprometidas com o momento histórico que lhes tocou viver, dotadas de um profundo sentido quer da superioridade da verdade revelada pelo cristianismo, quer da necessidade de estabelecer diálogo com a cultura do seu

tempo. E se Sto. Agostinho é o filósofo da história por eminência, S. Tomás, a seu modo, foi igualmente sensível à condição histórica do pensar, ao reunir numa síntese ímpar o melhor que a tradição filosófica lhe dispensava, colocando-a ao serviço do labor de inteligibilidade da fé que orienta a sua vastíssima produção filosófica e teológica. Habitamo-nos a ver S. Tomás como comentador de Aristóteles, produzindo uma obra magistral que se apresenta como um imenso sistema onde tudo se resolve à luz da noção de Ser como Ato. Ora, nada mais oposto à mundividência tomista do que a produção de um sistema fechado sobre si mesmo. Para além de ser possível encontrar uma reflexão sobre o tempo na obra do Aquinate - inerente à sua concepção da Criação e da ação de Deus no tempo, expressa desde a noção metafísica de *providentia* à economia de salvação centrada no mistério de Cristo -, uma das manifestações da sensibilidade de S. Tomás à historicidade é o modo como dialoga com a tradição filosófica: lê, comenta, critica, polemiza quando é necessário, onde quer que encontre distorções da verdade. S. Tomás é um homem *comprometido com o seu tempo*. Creio que esta tem sido uma das dificuldades na interpretação hodierna da obra de S. Tomás: num anseio de fidelidade ao seu pensamento acaba-se fazendo uma leitura anacrônica da sua obra. Sem esquecer que quem hoje se queira dedicar a estudar S. Tomás se vê imediatamente a braços com o ônus da história que conotou culturalmente a filosofia tomista com uma espécie de 'doutrina oficial da Igreja'. É um fato que o Magistério da Igreja tem recomendado explicitamente o estudo de S. Tomás nos Institutos eclesiais. Esta recomendação é feita, por conseguinte, com uma finalidade pedagógica específica. Ora, aquela dedução advém de uma leitura descontextualizada do Magistério, pois os mesmos escritos onde tal estudo é recomendado afirmam explicitamente não canonizar nenhuma filosofia, nem propor a tomista como única e exclusiva para os fiéis. Neste aspecto, o próprio Papa Bento XVI -incontestavelmente uma das personagens mais eminentes da cultura contemporânea- é exemplar. De fato, tendo colaborado diretamente na redação de uma encíclica como a *Fides et Ratio*, onde S. Tomás é de novo proposto como referência no estudo da filosofia e teologia, no contexto já referido, o Magistério de Bento XVI estabelece uma síntese fecunda no diálogo com a tradição. Sto. Agostinho e S. Boaventura são os autores a que o Papa Ratzinger dedicou os estudos para obtenção de graus académicos e vimo-lo recentemente peregrinar ao túmulo do Bispo de Hipona, proclamando a importância do regresso a Sto. Agostinho, para a cultura e civilização hodiernas, fazendo um apelo constante aos XX séculos de tradição filosófica e teológica de que o cristianismo é devedor. Ora, S. Tomás soube fazer essa mesma síntese entre Palavra de Deus e Tradição de modo admirável e transmitiu-a aos homens do seu tempo. Por

isso, é também neste aspecto que ele é proposto como modelo para a cultura contemporânea.

2. Poderia glosar mais detalhadamente esse comprometimento de S. Tomás com a cultura do seu tempo?

S. Tomás viveu num momento histórico marcado por acontecimentos determinantes para os destinos da civilização ocidental, dos quais salientamos a instituição das Universidades e a recepção do *corpus aristotelicum* completo. O Aquinate tinha clara consciência da sua identidade e missão e não se deteve perante os obstáculos à sua realização. Fez-se dominicano, contrariando as aspirações familiares e ingressando numa instituição da Igreja que contava então apenas com cerca de 30 anos de existência. Quando chegou à Universidade de Paris, uma das primeiras dificuldades que teve de enfrentar veio exatamente do interior da Igreja. A violenta querela entre seculares e mendicantes arrancou a Tomás de Aquino o seu primeiro escrito polêmico, *Contra impugnantes dei cultum et religionem*, precisamente em defesa da Ordem e da legitimidade da sua missão no ensino. Depois, enfrentando uma multissecular tradição que edificara o trabalho teológico sobre a tradição platônica augustiniana, no meio da intensa polêmica que se gerou em torno da leitura, comentário e ensino de Aristóteles, S. Tomás insiste em comentar a obra do Estagirita e em fundamentar nela a sua metafísica, e ainda solicita a Guilherme de Moerbeke uma edição crítica do *corpus aristotelicum*. Frente às leituras árabes e platonizantes, S. Tomás compreendeu que, em vez de rejeitar a leitura e comentário de Aristóteles, fechando-se ao novo, a melhor forma era dialogar com os seus contemporâneos a partir de uma linguagem comum, edificando sobre o Estagirita uma metafísica compatível com a racionalidade do cristianismo. Este mesmo fato mostra o sentido de verdade que possuía e que lhe permitiu compreender claramente dois sinais dos tempos: a limitação, para o discurso teológico, de uma certa tradição de comentário, baseada nas doutrinas platônicas e numa hermenêutica delas feita pelos árabes; e o fato incontornável da entrada da obra de Aristóteles no Ocidente, cujo impacto cultural nenhuma proibição poderia inviabilizar. Para além do labor mais circunscrito ao âmbito acadêmico, S. Tomás era solicitado para todo o gênero de questões. Encontramos uma carta *De emptione et uenditione ad tempus*, cujo título poderíamos traduzir da seguinte forma: Acerca das compras e vendas a crédito; um *Liber de sortibus*, sobre as razões, finalidade, formas, legitimidade e eficácia do recurso à sorte. Um opúsculo *De operationibus occultis naturae ad quendam militem ultramontanum*, onde tenta delimitar a ação da causalidade natural e a intervenção dos demônios nas práticas teúrgicas; Uma carta *De iudicis astrorum*, onde manifesta a sua posição quanto ao recurso à astrologia

para compreender os destinos dos homens. Estes são apenas alguns exemplos que revelam não apenas o prestígio e a autoridade que gozava S. Tomás fora dos muros da Universidade, mas também a inserção do Aquinate nos problemas do seu tempo.

3. Se tivesse de encontrar uma característica comum entre estes dois grandes marcos da história da filosofia ocidental, Sto. Agostinho e S. Tomás, que aspecto evidenciaria?

Um aspecto une incontestavelmente Sto. Agostinho e S. Tomás de Aquino: a paixão pela verdade. Ambos a consideram uma noção suprema e não comensurável com a inteligência humana. Para ambos, a Verdade é Princípio Soberano, Criador de todas as coisas que, por meio delas e pelas suas intervenções na História, se revela aos homens, os chama a compreender o sentido do universo do qual fazem partes e a colaborar na construção do mesmo. É à luz da consciência que ambos possuem da situação do ser humano no Mundo - desvelador da Verdade e não fazedor dela - que se compreende a dedicação de ambos à tarefa de a evidenciar, não obstante defenderem, até, propostas divergentes acerca do modo como a razão humana acede a essa verdade. Justamente este aspecto parece ser aquele no qual os dois filósofos divergem até à incompatibilidade. Porém, a crítica de S. Tomás nomeadamente à doutrina agustiniana da iluminação não decorre tanto da rejeição da tradição que ela representa, nem mesmo de ter optado pela leitura de Aristóteles para o seu labor filosófico: uma vez mais era a interpretação de Agostinho feita pelos árabes e em concreto por Avicena, que estava em causa. Fala-se habitualmente, do realismo tomista, querendo identificar a proposta gnosiológica de S. Tomás que, baseada na doutrina aristotélica da percepção, defende que a verdade das proposições depende daquela captada no ser das coisas, mediante os sentidos. Esta doutrina da verdade como adequação das coisas e do entendimento é rica de sentido. Por um lado, recorda ao ser humano que, sem o ato de ser presente nas formas dos corpos, e sem o particular modo de ser da forma humana, dado a captar as inteligibilidades das formas das realidades sensíveis, não há conhecimento. Porém, a verdade das coisas, que é o fundamento real desta relação cognitiva, é sustentada precisamente pelo conhecimento que Deus delas tem. Ora, quando S. Tomás explica de que modo as idéias das coisas estão no entendimento divino, v. gr., na *S. Th*, q. 15, reproduz o texto e a doutrina da q. 46, de *De diuersis quaestionibus* 83, de Sto. Agostinho. Referi a questão da verdade, mas poderia referir a concepção tomista de liberdade, na qual a dependência de Sto. Agostinho me parece ainda mais evidente. Aliás, não poderia ser de outro modo, dado o diálogo que S. Tomás opera com a tradição: Sto. Agostinho era,

nomeadamente no domínio teológico, a grande autoridade, sendo incontestavelmente o autor mais citado por S. Tomás em toda a sua obra. De facto, S. Tomás conseguiu fazer uma síntese ímpar entre as duas grandes tradições filosóficas do ocidente, a platônica e a aristotélica, com as quais o cristianismo dialogou desde o primeiro momento. Seria interessante que os estudos tomistas evidenciassem este fato, que exige sem dúvida uma análise apurada de textos e argumentos.

4. Que contributo pode prestar o estudo destes autores para a cultura hodierna?

Entre muitos aspectos, evidencio dois. Por um lado, eles vão ao encontro da crise da designada civilização ocidental que, carecendo urgentemente de adquirir auto-consciência, necessita visitar os seus ancestrais. Quer a Europa, quer a América têm as suas raízes civilizacionais numa cultura enraizada na tradição de comentário a Platão e Aristóteles e, depois, à leitura destes pelo cristianismo. Sto. Agostinho e S. Tomás são dois pilares, neste itinerário. Conhecer-los, através de uma leitura direta das suas obras, é necessário para uma civilização e uma cultura que queiram, a partir de uma reta consciência de si, projetar as suas raízes no futuro. Para além deste labor, penso que as duas mundividências, agustiniana e tomista, se completam e nos completam. De fato, em consequência dessa crise de identidade, a civilização ocidental padece hoje duas enfermidades: a confiança absoluta na deusa ciência, e na deusa menor, que é a tecnologia, por um lado, e a redução do ser humano ao domínio do epidérmico, justificando todas atitudes comportamentais nos domínios emocional, psicológico ou sociológico, por outro. Contra esta última enfermidade, a metafísica tomista orienta a razão para uma sã confiança na possibilidade de conhecer a natureza das coisas, preservando-a dos malefícios de um relativismo generalizado que os *media* nos querem fazer admitir como Verdade Absoluta. O realismo de S. Tomás restitui ao ser humano a confiança nas capacidades da razão que - aberta à pluralidade, mas solidamente marcada pela certeza de que existe uma ordem das coisas - conhece efetivamente o real e chega a conhecer o Princípio de que tudo depende. Esta orientação de uma civilização para *o que é* e não para *o que convém* tem consequências nos mais vastos domínios, dos quais saliento o ético e o ecológico. Por sua vez, a mundividência agustiniana, mais ligada a uma compreensão do mundo pela via da interioridade, insiste no respeito pela subjetividade, abrindo-a ao acolhimento da transcendência. Nesta medida, torna-se antídoto para uma sociedade profundamente secularizada que cinde Deus e a vida quotidiana, que deifica a ciência e os resultados dela. Ora, o que é próprio da ciência é padronizar, anular toda a diferença, específica da



condição pessoal. É o que sucede com o fenômeno globalização que se está a converter numa nova forma de ditadura. Caminhando para uma anulação do indivíduo, desumaniza as relações inter-subjetivas. Para esta patologia, a obra de Sto. Agostinho indica o itinerário de uma verdadeira relação pessoal com o Outro e com os outros, na qual se encontra a chave de uma verdadeira mística, aberta a um modo de relação com o Sagrado e com a comunidade humana que se estrutura pela integração da identidade na diferença.